

Potencial para crescer de apenas 3%

Economia - Brasil

29 JUN 2003

CORREIO BRAZILIENSE

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva alardeia o "espetáculo do crescimento" a partir de julho. Mas indicadores da capacidade de expansão da economia mostram que a realidade continua bem distante da retórica. O Produto Interno Bruto (PIB) potencial do Brasil — indicador que mede a velocidade com que a economia pode se expandir à plena capacidade, sem gerar inflação — oscila hoje entre taxas nada espetaculares de 2% a 3% ao ano.

Há métodos variados para calcular o PIB potencial. Em abril de 2001, por exemplo, o economista Tito Nícius Teixeira, do Banco Central, publicou estudo no qual concluiu que o potencial de crescimento da economia brasileira oscilava

de 3,3% a 4,5% ao ano para o período de 2001 a 2005. Passados dois anos, Teixeira — que está em licença do BC e faz doutorado na Universidade de Oxford, na Inglaterra — mostra-se bem mais pessimista.

A frustração das expectativas do economista tem fácil explicação: nem suas hipóteses mais moderadas de melhoria de indicadores, como o crescimento da taxa de investimento e da produtividade, se concretizaram. "Os pressupostos que considerei não vêm se confirmado. A produtividade tem crescido muito pouco. E o nível de investimento está constante ou até pior", disse Teixeira. Hoje, ele não acredita nem na sua hipótese mais conservadora. Ou seja, segundo o economista, "é muito

provável que o PIB potencial esteja abaixo de 3,3%".

Se Teixeira, que não refez as contas, ainda vê o baixo potencial de crescimento do PIB como uma "forte probabilidade", outros especialistas que estudaram o assunto têm certeza. "Segundo o modelo que uso, o potencial do PIB oscila entre 2% e 2,5% ao ano", afirmou Joel Bogdanski, gerente de política monetária do Itaú, que fez parte da equipe que criou o regime de metas de inflação no BC.

O método utilizado por Bogdanski analisa a tendência de crescimento do PIB no futuro com base em seu comportamento passado. A conclusão do economista é clara: "Se um país passa muitos anos com baixo crescimento, sua capacidade de

expansão vai diminuindo. Isso se inverte caso o nível de investimentos, por exemplo, aumentasse. Mas a tendência do Brasil vai na direção oposta".

Em um estudo concluído recentemente, o economista Armando Castelar Pinheiro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), analisou diferentes períodos de crescimento da economia brasileira desde a década de 30. Concluiu que a contribuição dos investimentos para a expansão do PIB nunca foi tão baixa como na fase mais recente que pesquisou: entre 1994 e 2002. Nesse período, a baixa taxa de expansão do investimento no Brasil foi responsável por apenas 40% do crescimento total do PIB que, em média, ficou em 2,7%.